

VOCÊ QUER BRINCAR?*

Elisete Zanlorenzi
(Professora da ICH – PUCCAMP)

O mundo adulto é tão sério porque a seriedade é implícita à idade madura ou porque vivemos em uma sociedade que não nos permite vivenciar a nossa esfera lúdica cotidianamente?

Grosso modo, podemos afirmar que nas sociedades capitalistas é em torno do fator tempo que se dá a dominação de uma classe por outra. É o tempo de trabalho de que o capitalista se apropria que lhe permite acumular riquezas e, conseqüentemente, reproduzir a desigualdade. Nesse sentido, talvez se possa dizer que o tempo gasto com o lúdico seja um tempo que corre às margens das relações capitalistas. É um tempo mágico, não mensurável em termos da eficácia do sistema. Um tempo onde o real pode ser repensado, reiventado e revivido de forma mágica e no plano da representação simbólica.

A atividade lúdica localiza-se, portanto, na esfera da fantasia e do prazer. Por isso, talvez não seja de todo errôneo afirmar que, no que diz respeito ao adulto, o lúdico e o trabalho só consigam conviver juntos em situações onde os sujeitos sejam donos de seu próprio trabalho e sintam prazer em realizá-lo. Sob tal perspectiva, a desigualdade econômica e social — em qualquer sistema social — parece ser um dos principais obstácu-

(*) Em 1987/88, o Museu Universitário da Puccamp desenvolveu o projeto "Brinquedos e Brincadeiras Tradicionais do Município de Campinas", coordenado por Regina Márcia Moura Tavares. A pesquisa foi realizada por Elisete Zanlorenzi e Margarita Barreto, que, com uma equipe multidisciplinar de estudantes, percorreram as ruas de Campinas, durante vários meses, para documentar, através de recursos audio-visuais e da escrita, o acervo de brincadeiras tradicionais existente na cidade. A descrição das 150 brincadeiras encontradas, com suas diversas versões, será publicada em forma de livro.

los à atividade lúdica, ao retirar de grande parte das pessoas a possibilidade de vivenciarem o trabalho — e a própria vida — de forma prazerosa. Que prazer existencial poderia ter um escravo colonial ou, em nossos dias, um trabalhador urbano que passa a maior parte do tempo em função do trabalho e, mesmo assim, tendo que conviver com a miséria e com a falta de perspectiva?

Nas sociedades modernas, a seriedade inerente ao trabalho a que somos obrigados a assumir na vida adulta (a muitas vezes, até, na infância) é contingência da visão de mundo capitalista, que mede tudo em função da produtividade, da eficiência e de precisão. A atividade produtiva do homem passa a ser encarada do ponto de vista de seu valor enquanto mercadoria, na qual está incorporada o tempo de trabalho socialmente necessário para que seja produzida¹. Impossível, portanto, imaginar uma fábrica onde os trabalhadores pudessem estabelecer relações lúdicas entre si e com as máquinas que operam (só se fosse uma fábrica de loucos!)

Vale a pena observar, no entanto, que a atividade lúdica, com maior ou menor intensidade, está presente em todas as sociedades, a exemplo de jogos e brincadeiras tradicionais, que compõem parte do acervo das manifestações culturais de todos os grupos humanos. E não são só eles os portadores desse privilégio de fazerem parte implícita da condição de **ser-humano**. Todas as sociedades possuem códigos linguísticos e simbólicos de comunicação, através dos quais emitem e recebem mensagens; criam regras para a proibição do incesto, que determinam o estabelecimento de uma rede de parentesco entre famílias, clãs, aldeias, etc; mantêm relações de troca, nas quais aos objetos está incorporada a circulação e o estabelecimento de relações econômicas, de poder, de amizade, de parentesco, etc. (Além disso, também inventam rituais para marcar momentos sociais importantes para o grupo). Sem esses alicerces — fundamentos de condição de humanidade — não haveria comunicação possível entre grupos sociais e, portanto, o homem não poderia caracterizar-se como tal, sendo, provavelmente, um ser de uma outra espécie, que não a humana. Em outras palavras, é a **comunicação** — expressa na troca de mensagens, bens e indivíduos — que permite a criação de uma rede de relações entre os homens, fundando o nascimento da cultura, que é o que os diferencia dos outros animais.

O que dizer dos jogos e brincadeiras tradicionais? Se podem ser encontrados em todas as sociedades, o que representam em termos da expressão de parâmetros que nos definem como seres humanos? Que funções sociais eles cumprem, para que sejam inbuídos desse caráter de universalidade?

É certo que os animais também brincam. Mas a diferença fundamental é que **os homens criam regras e inventam instrumentos** para brincar. Essa é uma diferença que projeta jogos e brincadeiras para a categoria de uma das pontes que separa a natureza da cultura.

Nessa perspectiva de universalidade é que jogos e brincadeiras tradicionais devem ser pensados para que sejam percebidos como patrimônios culturais de toda a humanidade, independentemente de sistemas econômicos, políticos e sociais. São, quase sempre, criações coletivas, de domínio público, dificilmente de origem identificável e transmitidas oral-

mente pelos membros da sociedade. Uma mesma brincadeira — a exemplo do **cabo-de-guerra** — pode ser encontrada na Birmânia, na Coréia e entre os esquimós. A amarelinha já era praticada na Roma Antiga e hoje é jogada em toda a Europa, América, Rússia, Índia e China². Há inúmeras brincadeiras e jogos que remontam à idade cristã e que se manifestam em lugares que, aparentemente, não estavam conectados historicamente entre si³.

Será que é apenas pela difusão cultural, pelos meios de comunicação, que jogos e brincadeiras saltam de um local para outro, atravessando séculos de existência? Ou será que um mesmo jogo pode surgir em pontos desconectados do mundo e, por razões que dizem respeito às categorias lógicas do pensamento humano, acabam tendo a mesma estrutura, tal qual acontece com certos mitos e rituais? ⁴. Que razões fazem com que essa atividade lúdica seja tão importante, a ponto de poder ser considerada como uma das bases sobre as quais se alicerçam todas as culturas do mundo? Que conteúdos sociais elas carregam?

Para situar melhor essas questões, parece conveniente remeter-nos ao estudo que E. Leach realizou sobre os Kachin (Birmânia). Observa o autor que, de grupos com a mesma estrutura social e econômica, é possível emergirem manifestações culturais distintas, assim como estruturas sociais diferentes podem representar-se pelo mesmo conjunto de símbolos⁵. Sendo jogos e brincadeiras tradicionais uma forma de linguagem simbólica — que, conforme sugere J. Huizinga, pode ser analogamente comparada à linguagem ritual⁶ — quem sabe poderíamos imaginar que diferentes sociedades pudessem, de fato, produzir um conjunto estruturalmente semelhante de jogos e brincadeiras, sem que para isso tivesse que haver, necessariamente, um contato anterior entre elas.

Por outro lado, se essa atividade lúdica se reveste de um caráter universal, certamente é porque desempenha algumas funções importantes para os grupos sociais. Sobre essas funções é que gostaríamos de tecer algumas considerações.

Em primeiro lugar, como vimos anteriormente, brincadeiras e jogos constituem-se em uma **linguagem** específica inter e entre grupal. São **meios de comunicação** eficazes, que carregam em si o imaginário social, ou seja, os conteúdos que compõem a visão que o grupo tem sobre si e sobre o mundo. São, portanto, espelhos que refletem simbolicamente as regras e parâmetros da sociedade, ou seja, a própria cultura. Nesse sentido, talvez se possa afirmar que uma das funções mais importantes dos jogos e brincadeiras seja o fato de se constituírem em uma linguagem através da qual os homens podem se comunicar, manipulando símbolos que alcançam seu pleno significado apenas nesse momento mágico do faz-de-conta. O tempo lúdico permite um tipo peculiar de elaboração simbólica da realidade, possibilitando aos atores sociais entrarem em contato com dados importantes de sua cultura.

Se na Europa dos séculos XVII e XIX praticavam-se vários tipos de jogos e brincadeiras com a finalidade de se ensinar história, geografia e botânica⁷, atualmente há jogos e brincadeiras que se utilizam de temas contemporâneos, como a conquista espacial, a estrutura política e a situação econômica; ou, ainda, que refletem a influência que os meios de comunicação exercem sobre o imaginário social⁸.

Os adultos esquimós contam histórias para as crianças formando figuras com cordões nas mãos — praticando a conhecida brincadeira **cama-de-gato**. As figuras servem para ilustrar e auxiliar o narrador a lembrar episódios da própria história⁹. Certamente, esse tipo de brincadeira tem a ver, originalmente, com uma das formas encontradas por sociedades ágrafas para repassar suas tradições de geração a geração.

Em Campinas encontramos uma brincadeira denominada **brigadeiro**, que se utiliza de hierarquia militar, numa seqüência onde a atenção dos participantes é fundamental para que consigam manter-se nos postos mais elevados da carreira militar¹⁰. Interessante salientar que, em uma sociedade onde o aparelho militar tem exercido tanta importância histórica, não é de se estranhar que o imaginário social se aproprie desse tema e o reelabore de forma lúdica. A conhecida brincadeira **mamãe-rica** reflete relações sociais de desigualdade, onde a mãe rica vai, gradativamente, apropriando-se dos filhos da mãe pobre, que acaba sozinha, já que não tem condições de dar uma profissão a seus filhos. Outra brincadeira, denominada **detetive**, claramente urbana, remete a um tema fundamental das grandes cidades: a violência. Nela é montado um esquema de investigação, que tem por objetivo descobrir qual dos participantes é o assassino que faz tantas vítimas de morte.

Quando uma criança interioriza uma brincadeira ela está incorporando e tendo oportunidade de reformular uma série de conhecimentos que compõem o patrimônio cultural da sociedade a que pertence. E, o mais importante, é que tudo acontece no plano lúdico, como se a própria vida tivesse em si mesma um prazer implícito, coisa, aliás, que o mundo adulto parece não mais perceber. Seja por causa da seriedade exigida pelas relações capitalistas de produção; seja pela desigualdade social, que retira de uma grande parcela da população a possibilidade de viver dignamente; seja por causa dos meios de comunicação de massa, que nos entregam um produto cultural pronto, do qual somos meros consumidores; o mundo adulto (e, até, o infantil) está ficando sério — no sentido de não poder mais vivenciar espontaneamente a esfera lúdica — e, muitas vezes, insensível à importância que tem a experiência lúdica para a nossa condição de seres humanos e cidadãos das cidades modernas.

A diferença entre o adulto e a criança, com respeito ao ludismo, é muito bem apontada por P. S. Oliveira¹¹. Em seu ponto de vista, quando um adulto penetra na esfera do divertimento, ele o faz tentando

evadir-se da realidade, fugindo dos padrões de comportamento que a sociedade lhe impõe. Ao contrário, quando uma criança brinca, ela está mergulhando de corpo e alma no mundo que a rodeia, pois é sobretudo na situação de brincadeira que a criança se relaciona com o real.

J. Huizinga faz uma substancial abordagem sobre a relação entre o lúdico e a seriedade, destacando que jogos (e brincadeiras), apesar de se localizarem na esfera lúdica, no plano do faz-de-conta, da dramatização, são atividades sérias, no sentido de que é através de estabelecimento de regras — que seria a própria estrutura da brincadeira — que as crianças se organizam para brincar. Tanto é, que fraudar as regras da brincadeira pode significar, do ponto de vista dos participantes, a aplicação de sanções e castigos ao infrator, por parte dos outros participantes. Como afirma J. Huizinga, "...esta consciência do fato de que "só faz de conta" não impede de modo algum que ele se processe com a maior seriedade"¹².

O que se contrapõe aqui não é a seriedade em relação à brincadeira, mas a seriedade significando a perda da relação lúdica, mágica, fantástica e divertida com a realidade, que é, enfim, o que a criança faz quando está brincando. É a perda da possibilidade de tomar contato com o real de forma a extrapolar as suas próprias limitações. Por exemplo, quando um grupo de crianças está fazendo de conta que uma delas é um gato que está perseguindo um rato¹³, como se isso fosse absolutamente real e sem que nenhum dos participantes tenha que vestir uma fantasia para que a dramatização ocorra, elas extrapolam os limites da realidade e passam a viver uma "realidade" situada agora no nível da fantasia, como se — no momento de brincar — isso fosse absolutamente verdadeiro.

No plano da fantasia, mas, ao mesmo tempo, através de regras que se inserem em uma lógica própria, as brincadeiras imitam a vida. São formas peculiares de socialização e de apreensão de parâmetros sociais. Exemplo disso é a dramatização do cotidiano, manifesta no brincar de casinha, de médico, de bombeiro, de festa junina, de escola, de casamento, pegar ônibus, laçar boi, passear, fazer teatro e, até, pesquisa¹⁴. Nesse faz-de-conta, que é o próprio teatro, elimina-se a vida cotidiana e elabora-se uma representação da mesma através de um jogo dramático que não só expressa padrões de comportamento e valores que repousam no imaginário social, como também permite uma reelaboração simbólica das regras sociais, com a possibilidade, sempre presente, da transgressão e do inusitado. Na brincadeira de médico, quando participam crianças de diferentes sexos, há partes do corpo que não podem ser vistas e, muitos menos, tocadas. Mas há, também, a possibilidade de que isso venha ocorrer e todos os participantes sabem disso! A estrutura do **beijo, abraço, aperto de mão** baseia-se, exatamente, na trapaça¹⁵. As regras da brincadeira nunca coincidem com a sua prática, já que é na trapaça que a brincadeira ganha o seu real significado, permitindo que as crianças trabalhem ludicamente a se-

xualidade e o prazer. Ou seja, é a transgressão que confere sentido a muitos jogos dramáticos, nos quais, as crianças sempre fazem de conta que estão respeitando as regras dos mesmos.

J. S. Oliveira¹⁶ refere-se à interpretação freudiana sobre o ato de brincar. Conforme Freud, quando uma criança brinca, ela está realizando a satisfação de necessidades e liberando emoções, inclusive a nível das angústias pessoais. Na dramatização, a criança reproduz situações conflituosas que, a nível do faz-de-conta oferecem a possibilidade de reconstruir, à sua maneira, a sua relação com o real.

Por outro lado, jogos e brincadeiras organizam os indivíduos em grupos, estabelecendo regras de convivência, vínculos sociais e efetivos e formas de se elaborar ludicamente a fantasia, a agressão, o medo e, até o sexo. Na Coréia e na Malásia, por exemplo, os **papagaios** (pipas) desempenham uma função psicanalítica. Costuma-se escrever neles os problemas pessoais e empiná-los a grande distância, quando a linha é cortada ou queimada, para que os problemas desapareçam e a pessoa possa começar uma nova vida¹⁷.

Há exemplos de como jogos e brincadeiras podem representar formas específicas de relação do homem com a natureza, com o sobrenatural e com fenômenos que ele não consegue explicar. A **amarelinha**, conhecida em quase todo o mundo, tem relações com mitos sobre os labirintos que compõem o caminho dos espíritos para o céu, após a morte¹⁸. Originalmente, seria, então, uma maneira da criança se relacionar ludicamente com o sobrenatural, da mesma forma que o adulto o faz através de búzios, cartas e dados, quando tenta, através deles, prever a sorte e o destino.

Em algumas partes do mundo o **cabo-de-guerra** representa a dramatização simbólica entre forças da natureza, como é o caso dos esquimós, que fazem um festival esportivo no outono para antever se o inverno será rigoroso ou não. Também na Coréia é realizada uma disputa entre aldeias vizinhas, numa tentativa de se adivinhar quem vai ter a melhor colheita. Já na Birmânia, os grupos opositores, simbolizando o sol e a chuva, tentam prever a meteorologia do ano seguinte¹⁹.

Além desse papel mediador da relação que os homens têm com a realidade social e com a natureza, as brincadeiras desempenham outras importantes funções. Colocam as crianças em estreito contato físico, possibilitam a elas o manuseio de diferentes materiais (pedra, metal, cereais, fibras, papel, etc), que permitem, inclusive, a descoberta de leis e princípios que regem a natureza²⁰. Desenvolvem a habilidade motora, o espírito sadio de competição, a força, a destreza, a percepção sensorial, a memória, a atenção e, até, a musicalidade.

Há outra dimensão dos jogos e brincadeiras tradicionais, que diz respeito ao caráter de disputa entre adversários. C. Lévi-Strauss de-

envolveu um extenso trabalho em sociedades ágrafas, argumentando que o pensamento humano, independentemente de sistemas culturais, classifica o mundo através de uma oposição binária entre termos. Diz ele, fazendo uma analogia com a linguagem: "...Os termos jamais possuem significação intrínseca: sua significação é de "oposição", função da história e do contexto cultural, por um lado e, por outro lado, da estrutura do sistema em que irão figurar"²¹. Grosso modo, então, cada grupo social, clã ou sociedade se auto concebe como tal a partir de seu próprio contexto sócio-cultural e tendo sempre como referência uma oposição a outro grupo, clã ou sociedade. Esse caráter binário, de dualidade, conforme o autor, é universal e se apresenta como uma das formas de cada um dos grupos afirmar sua própria identidade social. Refletindo sobre a atividade lúdica, percebemos que, no caso dos jogos esportivos, a oposição pode ser de idade, sexo, classe social, local de residência, etc. Para os jogos e brincadeiras tradicionais, a disputa tende a ocorrer sem a existência de grupos pré organizados, sendo que os participantes, normalmente, formam facções opositoras no momento mesmo em que a brincadeira irá ocorrer. A disputa, então, não só reafirma uma oposição entre os grupos participantes, colocando-os como adversários e reforçando a identidade de cada um deles, como, também, estabelece entre eles uma unidade, já que a oposição acontece, de fato, apenas no nível do faz-de-conta. Se o vencedor é recompensado com prestígio, que se estende para todo o grupo, isso não significa, necessariamente, que a rivalidade continuará a existir após o término da brincadeira, quando se dá a passagem do tempo lúdico para o tempo real. Ao contrário, o prestígio, via de regra, não extrapola para o plano da vida cotidiana, exatamente porque diz respeito apenas ao contexto da dramatização.

Talvez possamos sugerir que, em nossa sociedade, essa seja uma das grandes diferenças entre, por um lado, jogos e brincadeiras tradicionais e, por outro lado, o esporte. Neste, quando os adversários entram em uma disputa, fazem-no a nível de uma oposição real, sobre a qual, inclusive, pode estar montado todo um esquema capitalista de competição entre empresas patrocinadoras. Nas brincadeiras tradicionais, os opositores trabalham a oposição apenas no nível do imaginário, da fantasia, da dramatização lúdica. Acabada a brincadeira, tudo volta ao normal e a oposição desaparece, dando lugar a uma unidade ainda maior entre os participantes, que, durante o ato de "brincar de", trocaram experiências, respeitaram-se, criaram regras de convivência, tiveram um contato mais estreito entre si e, acima de tudo, divertiram-se juntos e se conheceram melhor.

Nos bairros onde realizamos nossa pesquisa, pudemos observar que existe uma relação direta entre o fato de as crianças brincarem nas ruas e os pais se conhecerem. Há ruas socialmente tão intensas que as crianças passam de uma casa a outra como se todas fossem a sua própria casa. As mães, conseqüentemente, acabam sendo espécies de "mães comunais", já

que ter um filho significa ter que abrir o espaço doméstico e existencial para outras crianças. Do ponto de vista da criança, a idéia da casa e da rua como espaços de convivência social certamente oferece a ela parâmetros bem distintos daquele que informa a visão essencialmente capitalista da propriedade privada e do individualismo.

A rua representa o espaço por excelência de produção da cultura popular, que se caracteriza, exatamente, por ser de domínio público. É onde reside um tipo de saber que não está nos livros, nos bancos escolares e nos veículos de comunicação. Um saber que circula de boca em boca e que, do ponto de vista do mundo infantil, significa, sobretudo, brincar. Nesse sentido, vale a pena refletirmos sobre que tipo de crianças pode produzir uma sociedade cujo espaço da rua está cada vez mais ocupado por carros, assaltantes, polícia, menores abandonados, famílias marginalizadas, etc. Ou, ainda, que raízes culturais poderá ter o adulto que passou a sua infância diante de video-games, video-cassetes e um arsenal de armas, super-heróis galácticos, carrinhos e bonecas que se movimentam sozinhos?

Quando nos referimos aos jogos e brincadeiras tradicionais, apontamos para o fato de que eles poderiam ser equiparados a um dos alicerces que fundamentam o aparecimento da cultura, na medida em que são instrumentos através dos quais os homens se comunicam. Ficam, então, colocadas algumas questões: o que significa o desaparecimento gradativo das brincadeiras tradicionais nas sociedades modernas? Que tipo de seres humanos poderá edificar uma sociedade cujo espaço da rua — lugar, por excelência, de aprendizado da cultura popular — está deixando de ser o local de produção e reprodução de sua própria identidade cultural? O que vamos colocar no lugar desse alicerce de comunicação que está sendo derrubado?

NOTAS

(1) "Todo trabalho é, de um lado, dispêndio de força humana de trabalho, no sentido fisiológico, e, nessa qualidade de trabalho humano igual ou abstrato, cria o valor das mercadorias". Cf K. Marx, *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, livro 1, vol. 1, p. 54.

(2) *Os melhores Jogos do Mundo*. São Paulo: Editora Abril, 1978.

(3) *Ibid.*

(4) *Ibid.*

(5) E. Leach. *Political Systems of Highland Burma: A Study of Kachin Social Structure*. The Athlone Press University of London, 1970, p. 39.

(6) J. Huizinga. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

(7) *Os Melhores Jogos do Mundo*, op. cit.

(8) A exemplo de brincadeiras encontradas em ruas de Campinas, que remetem a Menudo, Xuxa, Gretchen, etc.

(9) *Os Melhores Jogos do Mundo*, op. cit.

(10) Nessa brincadeira, cada um dos participantes representa uma patente militar, de major a soldado. Abaixo do soldado vem o lixeiro, que é uma posição em que

nenhuma criança quer estar. Interessante observar que, em uma das vezes em que presenciamos as crianças de um bairro de Campinas brincarem, havia um participante a mais, que foi prontamente denominado "presidente" e colocado entre o lixeiro e o soldado. Essa atitude espelha claramente a maneira pela qual aquelas crianças concebem o papel do presidente da república em nossa sociedade!

(11) P. S. Oliveira. **Brinquedos e Indústria Cultural**. Petrópolis: Vozes, 1986.

(12) J. Huizinga, op. cit., p. 11.

(13) Brincadeira **Gato e Rato**, encontrada nas ruas de Campinas.

(14) Percorrendo as ruas de um bairro de classe média-alta, encontramos duas crianças caminhando com pranchetas, papel e caneta. Paramos para conversar com elas, na tentativa de obtermos alguma informação sobre o bairro (se crianças costumam brincar nas ruas ou não). Ficamos surpresos quando soubemos que elas estavam brincando de pesquisa, enquanto nós estávamos fazendo pesquisa de fato.

(15) Uma criança coloca as mãos sobre os olhos de outra, estando ambas diante dos outros participantes, e pergunta: "É esse?", apontando para um dos participantes. A criança que está com os olhos vendados deve responder "sim" ou "não". Quando diz "sim", a outra interroga "O que você quer dele?". Ela deverá responder "um beijo" ou "um abraço" ou "aperto de mão" ou "passeio no escuro" ou "tuti-fruti" (beijo na boca), etc. Supondo que ela não soubesse realmente para quem a outra apontou, poderia pedir "tuti-fruti" para uma criança do mesmo sexo que o seu. No entanto, isso nunca acontece, porque quem está vendando os olhos dá um sinal para indicar que tipo de pedido deverá ser feito. Um aperto de mão acaba ocorrendo sempre com crianças do mesmo sexo e os beijos e passeios no escuro ocorrem (coincidentemente?) com crianças de sexo oposto.

(16) J. S. Oliveira, op. cit.

(17) **Os Melhores Jogos do Mundo**, op. cit.

(18) Ibid.

(19) Ibid.

(20) Para construir um **fliperama** (com madeira, pregos e linha), que será jogado com bolinhas de gude, o inventor deve ter noções sobre a lei da gravidade, caso contrário, o tabuleiro não permitirá que a bolinha escorregue na velocidade desejada.

(21) C. Lévi-Strauss. **El Pensamiento Salvaje**. México: Fondo de Cultura, 1964, p. 87.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
DEPARTMENT OF CHEMISTRY

